

Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: ¹ Variações da Técnica Psicanalítica

Elaine Guimarães Oliveira², São Paulo

Resumo: O estudo propõe que a relação entre pais e filhos é crucial para o desenvolvimento emocional das crianças e sugere Intervenções Terapêuticas Conjuntas Pais e Filhos como um método eficaz para avaliar e compreender essa dinâmica. Baseado na teoria psicanalítica, essas intervenções podem revelar e ajudar a evidenciar conflitos internos dos pais, beneficiando assim a relação familiar. A Intervenção Conjunta, inspirada nos trabalhos de Freud, Klein, Bion, e Bick, envolve a participação de toda a família, incluindo até mesmo os bebês, e exige que o profissional tenha habilidades específicas e experiência em Observação da Relação Mãe-Bebê. Exemplos clínicos mostram que essas sessões podem revelar questões familiares ocultas, como a sexualidade de uma criança ou segredo de família, permitindo que esta lide com esses problemas de maneira construtiva e compreensiva. A abordagem é apresentada como uma técnica ampla e ao mesmo tempo singular, destacando a importância do desenvolvimento das capacidades do profissional para a eficácia da intervenção.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Intervenções Conjuntas; Pulsão Epistemofílica; Pais e Filhos.

1 Trabalho derivado do primeiro relatório da Formação de Crianças e adolescentes na SBPSP

2 Membro Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo Av. Rio Branco, 230 apto 600 – Centro – Uberlândia-MG. Cep 38400-056 | 11 90773-6552 | elaguimaoli@yahoo.com.br

Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: Expansões da Técnica Psicanalítica

“Costuma-se dizer que a árvore impede a visão da floresta, mas o tempo maravilhoso da pesquisa é sempre aquele em que o historiador mal começa a imaginar a visão de conjunto, enquanto a bruma que envolve os horizontes longínquos ainda não se dissipou totalmente, enquanto ele ainda não tomou muita distância do detalhe dos documentos brutos, e estes ainda conservam todo o seu frescor.” (Maisons-Laffitte, 1973)

Ariès, Philippe — *História Social da criança e da família*. Tradução de Dora Flaksman. 2a ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1981.

Introdução

Partindo do princípio de que a relação entre pais e filhos é fundamental para o desenvolvimento emocional das crianças, apresentarei neste estudo uma ideia de que esta relação precisa ser construída e trabalhada, propondo que as intervenções terapêuticas conjuntas sejam um instrumento não só de avaliação como de realização dessa função.

Segundo a teoria psicanalítica, a relação entre pais e filhos é marcada por dinâmicas inconscientes que podem influenciar a forma como os pais se relacionam com seus filhos e como estes se desenvolvem emocionalmente. A intervenção conjunta pode ajudar os pais a identificarem essas dinâmicas e a lidar com seus próprios conflitos internos, o que pode levar a uma relação mais saudável e propícia ao desenvolvimento da criança.

No entanto, é importante lembrar que a intervenção conjunta não é uma solução mágica para todos os problemas de relacionamento entre pais e filhos. Cada família é única e pode apresentar desafios específicos que exigem uma abordagem personalizada.

Não há como negar a importância dada no cenário psicanalítico contemporâneo aos primórdios da vida mental que sustentaram as dinâmicas familiares, trilhados inauguralmente por Sigmund Freud e Melanie Klein. Posteriormente, as contribuições de Wilfred Bion, Donald Meltzer e Esther Bick que foram aplicadas ao modelo de Observação da Relação Mãe-Bebê.

Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: Variações da Técnica Psicanalítica

As Intervenções Conjuntas na família surgiram desta expansão da técnica psicanalítica. Ela é feita no contexto do consultório, com a participação de toda família e as crianças pequenas também participam, inclusive o bebê que se integrou recentemente a esta família. Seguindo este viés, tenho utilizado esta forma de trabalho na avaliação de crianças quando sou procurada pelos pais e não está claro para mim quem na família poderá ser o paciente. Esta aplicação do modelo de intervenção conjunta surgiu a partir do trabalho de Observação da Relação Mãe Bebê de Esther Bick, desenvolvido na Tavistock Clinic de Londres e no Brasil pelo Centro de Estudos Psicanalíticos Mãe-Bebê-Família, coordenado pela Dr^a Marisa Pelella Mélega.

É de extrema importância que o profissional que faz a Intervenção Conjunta tenha ele próprio feito a Observação da Relação Mãe Bebê por, pelo menos, um ano e tenha desenvolvido as capacidades fundamentais para intervir. As atitudes mentais necessárias para a observação, como entendida pela Psicanálise, são: receptividade, escuta, não usar julgamentos (sem memória e sem desejo, como preconizado por Bion), conter as próprias emoções sem atuá-las, enfim, colocar-se numa posição de quem não sabe e precisa observar para conhecer. Muito diferente de colocar-se numa posição de autoridade, que sabe, entende e está lá para ensinar.

Com estes aspectos desenvolvidos durante o processo de observação, o profissional poderá estar apto a fazer intervenções. A meu ver, faz-se necessário para este profissional ter passado por um longo processo de análise pessoal. Esta intervenção tenta aclarar condutas observadas durante o contato com a família. Mesmo que na entrevista com os pais tenham sido colhidas informações sobre a família e história de vida das crianças, estas informações somente serão trazidas a cena quando for mencionado o assunto referido a elas. Aqui, novamente, temos que ter em mente o preceito de Bion de trabalhar sem memória e sem desejo. É claro que, em algum momento, a história da família pode ser resgatada por algum dos participantes. Observam-se, então, as relações durante a sessão familiar. Por exemplo, se aparece algo do vínculo da mãe-criança, focalizando impedimentos visíveis na conduta da mãe que dificultariam a comunicação das necessidades da criança, isso precisa ser apontado, de uma forma livre e espontânea pelo profissional que está fazendo a intervenção sem um carácter moral ou de julgamento.

Elaine Guimarães Oliveira

A tentativa da mãe de compreender a criança também é apontada. A intervenção não é comparável a uma interpretação psicanalítica, que busca tornar os aspectos inconscientes, conscientes. Ela é dirigida aos aspectos mais saudáveis da personalidade dos pais, ou seja, a parte que está mais integrada e que consegue compreender o que está ocorrendo na sessão.

Na minha experiência clínica, muitos não ditos familiares vêm à tona nessa forma de abordagem. Não pretendo descrever aqui todos os aspectos da Intervenção Conjunta, pois é uma técnica ampla e depende de tempo para desenvolvê-la. Por isso vou lançar mão de dois exemplos clínicos.

Entrevista com os pais

A recordação que me vem à mente relacionada ao início deste trabalho é a do primeiro contato com os pais. A entrevista foi marcada com urgência pelo pai. Nesse encontro, os pais pareceram-me bastante aflitos. A mãe sentou-se em uma poltrona à minha frente, e o pai acomodou-se em um banquinho bem próximo a mim. Minha impressão, perturbadora, era de que o pai precisava de um contato físico para me relatar algo que ninguém podia escutar, talvez nem mesmo ele.

Pareceu-me envergonhado e assustado com o que iria me dizer. Ele descreveu-me, com detalhes, seu impacto ao deparar-se com pesquisas, feitas por seu filho, de sites de homens nus e tendo relações sexuais. Ao ser interrogado sobre essas pesquisas, Emanuel, a princípio, negara que estava “visitando” tais sites, mas depois “confessou” (palavra usada pelo pai) que havia feito aquelas pesquisas.

Os pais relataram que ficaram assustados porque isto parecia a eles uma tendência à homossexualidade. Os pais narraram um fato que ocorreu quando a criança completara quatro anos de idade: eles “pegaram” Emanuel brincando “de troca-troca” com um primo. Na época entenderam como uma ação comum às crianças de sua idade. Mas, sobre os vídeos, eles entenderam como um comportamento precoce e interpretaram de forma pejorativa. Estavam horrorizados. Principalmente porque são religiosos e seguem os preceitos de sua religião.

Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: Variações da Técnica Psicanalítica

O pai ficou surpreso com o interesse do filho, mas havia outros acontecimentos que já o preocupavam em relação a essa questão. Descrevia o filho como um menino inteligente, esperto, mas que apresentava, em muitos momentos, atributos afeminados. Além disso, Emanuel tinha preferência por brincadeiras com meninas, brincava frequentemente com as primas mais velhas e nutria por elas grande admiração. Apresentava dificuldades em participar de atividades com outros meninos, como por exemplo, jogar futebol. A entrevista ocorreu em um forte clima emocional. Tal como um diretor de teatro, o pai nos conduzia – a mim e à mãe – através de sua narrativa de angustiantes fatos desde o nascimento de seu filho. A mãe fazia alguns pequenos comentários, apenas esclarecendo alguns detalhes.

O pai relatou-me um acidente que ocorrera, quando foram visitar os avós, na primeira semana de vida de Emanuel. O pai colocara o recém-nascido no bebê conforto no banco traseiro do carro. Quando foi retirá-lo, o bebê conforto se abriu, sem que percebesse, pois a trava de segurança estava solta e Emanuel, naquele momento, caiu no chão, batendo a cabeça.

Desesperados, pai e mãe levaram a criança ao hospital. O médico internou-o e pediu que o bebê ficasse em observação por 24 horas, sem se alimentar. O pai contou que ficou na sala de espera, desesperado, batendo a cabeça na parede. Estava sentindo-se culpado e punia-se pelo acontecido. A mãe disse-me que ficou angustiada, mas o que mais a preocupava era o fato de o filho estar sem se alimentar. Depois de algumas horas, pediu para dar-lhe de mamar.

O médico permitiu e ela alimentou o bebê. Este melhorou e saiu desse episódio, aparentemente, sem nenhuma seqüela neurológica. Emanuel tem marcas esbranquiçadas no corpo, causadas por uma psoríase. Mas ele atribuiu a marca branca que tem no tornozelo ao relato descrito anteriormente. Não deixa de me ocorrer que ele tem marcas no tornozelo, como Édipo, cujo significado do nome é “pés inchados”. Podemos começar a refletir como as questões edípicas foram sendo estabelecidas na constituição psíquica de Emanuel.

Outro fato também narrado pelos pais, para eles relacionado ao surgimento das dificuldades com relação à masculinidade do filho, foi o nascimento do segundo filho. A mãe estava grávida do segundo filho, contudo os pais desejavam uma menina. No momento do ultrassom estavam os três: o pai, a mãe e o Emanuel na sala do consultório médico, porém, quando a médica disse que seria outro menino, o pai ficou tão chocado, que, segundo sua narrativa, saiu da sala chorando, com Emanuel no colo, para que a mãe não notasse sua decepção.

Elaine Guimarães Oliveira

O progenitor questionou-me se aquele fato poderia ter influenciado Emanuel nas dificuldades de ser um “menino”. Havia fantasias dos pais em relação a essa questão, mas não era possível para mim, naquele momento, pormenorizá-las.

Sessão de Intervenção Conjunta

Na sessão vieram o pai, mãe, Emanuel e um irmão dois anos mais novo. Ao entrar na minha sala, mal eu me apresentei e os pais disseram o nome deles; Emanuel começou a mexer em tudo na minha sala. Eu tinha uma escultura de uma bigorna de ferro sobre uma peça de mármore para colocar caneta tinteiro; ele mexeu e perguntou o que era. O pai disse que era uma bigorna. Mas ele quis saber todos os detalhes... mexeu na estante com livros, foi ver o que tinha atrás de um biombo onde estava o Divã e, quando eu disse que ele era curioso, o irmão pequeno disse que não, que ele era bisbilhoteiro. A mãe aproveitou esta deixa para dizer que era por este motivo que eles estavam ali... Porque, segundo ela, realmente ele era muito curioso e estava bisbilhotando a internet, vendo sites proibidos para menores. Os pais não disseram nada sobre o conteúdo. E eu disse que não ia perguntar, porque senão a bisbilhoteira seria eu. Logo as crianças acharam alguns brinquedos sobre o Divã e Emanuel achou o jogo do Mico e quis brincar.

A família toda brincou e percebi que Emanuel ficava entre assustado e excitado com a possibilidade de ficar com o Mico. Quando ganhava se levantava e fazia uma “dancinha”.

Quando perdeu demonstrou muita raiva. E tentava manipular o jogo, passando o Mico para o pai para não perder novamente. Levantou-se e foi ao banheiro. Quando saiu, voltou rebolando e o irmão disse que ele sai assim do banheiro com uma toalha enrolada na cabeça, fazendo de conta que é cabelo comprido e riu: “igual das meninas”. O pai neste momento conta que ele próprio brincava assim quando pequeno. Ele tinha 6 irmãs e ele queria ter cabelo comprido como elas. A mãe se assusta com esta revelação e diz: “Nossa, você nunca me contou!”

Vai ficando claro como o processo de identificação nesta família está ocorrendo. As situações são reveladas pelo irmão mais novo que encontra neste contexto uma possibilidade de falar sobre algo que acha “estranho” e/ou diferente em Emanuel.

Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: Variações da Técnica Psicanalítica

Mas o clima não é de acusação, tem certo humor e os pais vão se deparando que algo estava perceptível para o irmão mais novo já há algum tempo e eles passaram batido.

O trabalho continua por 10 sessões e o grupo vai percebendo que Emanuel tem muitas angústias – e precisa descarregá-las – e um excesso de movimentação e atuações. E, nesse sentido, ele precisa de ajuda. Ele ficou como o paciente.

Outro exemplo de Intervenção Conjunta

Um menino de 9 anos foi encaminhado por uma psicopedagoga que já o acompanhava por um tempo. Ela percebia algumas mudanças na criança em relação a sua aprendizagem, mas suspeitava que alguma questão emocional mais profunda “inibia” sua aprendizagem, apesar de que João não tinha nenhum problema cognitivo significativo.

Fiz a entrevista inicial com os pais e decidimos pela Intervenção Conjunta Pais e Filhos. A família era constituída pelo pai, mãe, uma pré-adolescente de 13 anos (vou chamá-la de Maria), e João de 9 anos.

As sessões versavam sobre o esforço que a família fazia para ajudar João em relação as suas dificuldades escolares: fazer tarefas, estudar para as provas, realizar trabalhos exigidos pela escola e a fixação do conteúdo. Também contavam um pouco da história familiar e a convivência diária entre eles.

Um dia a mãe falou que, anteriormente, por um tempo, aos domingos ela passava o dia fora e as crianças ficavam com o pai. E, assim, eles tinham que organizar o que fazer nesse dia e como seria a semana seguinte. Nesse momento João exclamou: “É, mãe, você ficava o domingo inteiro fora de casa! O que você fazia?”. A mãe me olhou assustada e disse para o filho: “Eu visitava seu avô na cadeia.” João, um tanto desesperado, gritou: “meu avô foi preso!” (já havia sido mencionado nas sessões de intervenção o quanto João tinha uma idealização em relação ao avô). Maria quem respondeu: “Meu avô tem muitos processos e por isso ele foi preso”. A mãe, indignada, perguntou: “Como você soube disso?” Maria respondeu: “Na escola um dia disseram que meu avô fazia coisas muito sérias, ilegais. Eu fui para a internet, pesquisei e descobri, mas nunca falei nada com vocês”.

Comecei a compreender as questões de João. Existiam segredos, mentiras e não ditos familiares. Algo que João não podia acessar, um conhecimento proibido.

Ele, mesmo sendo inteligente, curioso, de alguma forma percebia que havia uma dupla mensagem: você precisa aprender, mas tem muitas coisas que você não pode conhecer. Como em Édipo, existia algo proibido.

Considerações Técnicas e Teóricas

O conjunto de reflexões psicanalíticas em torno das questões familiares aqui reunidas é fruto da minha experiência de atendimento de crianças, adolescentes e adultos, das Intervenções Conjuntas Pais e Filhos, das Observações da Relação Mãe-Bebê realizadas por mim e por meus supervisionandos. Eu me aproximo das relações familiares a partir do vértice psicanalítico por meio do trabalho clínico, trazendo as famílias para este campo, observando como elas se interagem, comportam e se revelam. Também fazem parte desse campo, implicitamente, as teorias que suportam minha clínica, em especial os trabalhos de Bion, reunidos nas obras *Experiências com Grupos* e *O Aprender com a Experiência*, aportes significativos em entendimento do funcionamento de grupos, levando em consideração principalmente os pressupostos básicos – luta e fuga, acasalamento e dependência.

Nos exemplos citados podemos encontrar, a meu ver, um fato selecionado (como descrito por Bion³) entre eles, que seria a manifestações da pulsão epistemofílica. No primeiro, uma intensidade dessa pulsão que leva Emanuel a ser bisbilhoteiro. Quer saber sobre tudo, sua curiosidade sexual está “a todo vapor”, o que o leva a pesquisar na internet sites de homens nus. No segundo, João estava com dificuldades na escola, provavelmente seu interesse por aprender e conhecer não se apresentava e, mesmo não tendo dificuldades cognitivas, sua capacidade de aprender estava bastante prejudicada.

Para situar de que forma a psicanálise concebia, inicialmente, a questão epistemofílica, verificamos que não há uma teorização específica, na obra de Freud, sobre os fenômenos clínicos da dificuldade do aprender; entretanto, observamos elementos teórico-clínicos essenciais sobre a pulsão epistemofílica, bem como questões relacionadas à inibição e ao sintoma.

3 Bion diz que o fato selecionado é o nome da experiência emocional da sensação de descoberta de coerência. Isto não significa que os dados agora articulados, formando um conjunto identificável, deveriam necessariamente estar articulados. Quer dizer, não estão logicamente conectados. Outro fato selecionado pode oferecer uma outra coerência aos mesmos dados antes dispersos.

Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: Variações da Técnica Psicanalítica

A esse respeito, Freud, em “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (1905b/2016), postula uma pulsão sexual desde a infância – que ele vai relacionar à pulsão epistemofílica, especialmente no segundo ensaio (1905a/2016) –, que é a pulsão do conhecimento, embora não sendo tão específica, nem se atendo apenas à sexualidade. Verificamos que Freud, depois de 1905, não continua a explorar o conceito da pulsão epistemofílica em níveis mais profundos. Em suas obras, volta a ele poucas vezes e, somente em 1910, para referir-se ao conceito, usa termos como instinto de pesquisa, instinto de investigação, sede de conhecimento, mas não chega a se interessar pela pulsão epistemofílica deste modo.

Contudo, Klein (1923/1996d), ainda influenciada pela teoria freudiana, afirma que “o estabelecimento de todas as inibições que afetam o aprender e o resto do desenvolvimento deve ser remetido à época em que a sexualidade floresce pela primeira vez”. No entanto, ainda em 1923, começa a analisar o efeito inibidor das fantasias sádicas e agressivas, bem como as sérias dificuldades do aprender que poderiam surgir em função das inibições do impulso epistemofílico.

Nesse ano, Klein conceituou a inibição intelectual como as diferentes formas e gradações de repulsa ao aprendizado. Segundo ela, essa repulsa pode se manifestar por meio de uma relutância explícita ao aprender, ou mesmo daquilo que pode parecer uma simples atitude de preguiça em relação às atividades escolares, não sendo, por esse motivo, reconhecida como aversão à escola por aqueles que cuidam da criança. A autora, entretanto, não especifica de maneira clara como seriam essas gradações. Para ela, a inibição intelectual é um sintoma; apenas destaca que, somente em função da intensidade da inibição, pode-se qualificar o processo inibitório como normal ou patológico.

Em 1930, Klein, à medida que ia desenvolvendo sua teoria, atribuiu significativa importância ao papel do simbolismo para a superação das angústias e, conseqüentemente, para o desenvolvimento intelectual da criança. Para tanto, ela desenvolveu uma técnica específica para analisar crianças menores: a técnica por meio do brincar. O jogo seria uma forma de expressão semelhante ao sonho, que permitiria à criança, enquanto brinca, expressar-se ou mesmo elaborar suas angústias ao poder vivenciá-las em relação a objetos simbólicos substitutivos. A simbolização, nesse caso, é necessária para deslocar a agressividade do objeto original, diminuindo assim a culpa e o medo da perda

Elaine Guimarães Oliveira

Nesse sentido, foi ficando cada vez mais claro para Klein como o sadismo das crianças intimamente se ligava à frustração das investigações sobre a sexualidade e como o medo de seu próprio sadismo conduzia a uma inibição da investigação – e, o que era mais preocupante, ao embotamento da curiosidade de um modo geral. Os primeiros textos psicanalíticos de Klein demonstram a estreita ligação entre o sadismo e o desejo de conhecer. A autora percebeu que sérias dificuldades do aprender podiam surgir graças às inibições do conhecimento, as quais eram inundadas por impulsos sádicos.

Ao aprofundar suas observações, em 1928, Klein apresenta sua concepção sobre o Édipo precoce. Esse período começa com o desmame (por volta dos 6 meses de idade), isto é, no momento de perda momentânea do objeto primário, quando surge a primeira possibilidade de configuração do objeto total, o que ocorre em uma época confusa e instável de impulsos fusionados. A autora considera que as tendências edípicas emergem como consequência da frustração sentida pela criança com o desmame, algo que se manifesta ao final do primeiro ano e o início do segundo ano de vida. Mais tarde, essas tendências são reforçadas pelas frustrações vividas durante o treinamento dos hábitos de higiene. Utiliza as concepções expostas por Klein (1921/1996a), que, influenciada por Ferenczi, faz referências sobre o conflito que na criança se estabelece entre o inato impulso epistemofílico, que busca o conhecimento, versus o sentimento de onipotência.

Bion (1959/1994a) considera que a origem das perturbações no impulso de ser curioso pode prender-se a dois fatores: o primeiro estaria ligado à disposição inata do indivíduo à destrutividade, ódio e inveja excessivos; o segundo estaria no ambiente que, na pior hipótese, nega ao indivíduo o uso de mecanismos de cisão e identificação projetiva, no sentido de acolher estes mecanismos e transformá-los em algo que a mente da criança pode processar e “digerir”. Para o autor, os aspectos acima citados podem levar à destruição do vínculo, da ligação entre a criança e a mãe e, conseqüentemente, a uma grave desordem do impulso de ser curioso de que depende todo aprender, abrindo caminho para uma grave interrupção no desenvolvimento emocional. Estes aspectos em relação à pulsão epistemofílica foram manifestados e evidenciados em ambas as Intervenções Conjuntas Pais e Filhos, mas o desenvolvimento da simbolização, fundamental para o desenvolvimento da mente só será possível dentro de uma análise individual, na qual se constitui o vínculo entre o analista e a criança, possibilitando o trabalho de angústias profundas que causam o sofrimento da criança e de seus familiares.

Intervenções Conjuntas Pais e Filhos: Variações da Técnica Psicanalítica

Referências

- BICK, E. (1964). *Notes on infant observation in psychoanalytic training*. In Collected papers of Martha Harris and Esther Bick. London: The Rolland Harris Education Trust, 1987.
- BICK, E. (1968). *The experience of the skin in early object relations*. In Collected papers of Martha Harris and Esther Bick. London: The Rolland Harris Education Trust, 1987.
- BION, W. R. (1967). *Notes on memory and desire*. Psychoanalytic Forum, vol. II, n.3.
- BION, W. R. *Attention and interpretation*. Tavistock: Londres, 1970
- FREUD, S. (1996b). *A sexualidade infantil*. In S. Freud, Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud (Vol. 7, pp. 163-189). Rio de Janeiro, Imago. (Trabalho original publicado em 1905)
- FREUD, S. (2014). *Inibição, sintoma e angústia*. In S. Freud, Obras completas (P. C. Souza, Trad., Vol.17, pp. 44-123). Companhia das Letras, 2014. (Trabalho original publicado em 1926)
- FREUD, S. (2015). *O pequeno Hans*. In S. Freud, Obras completas (P. C. Souza, Trad., Vol. 8, pp. 124-142). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909)
- FREUD, S. (2016). *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. In S. Freud, Obras completas (P. C. Souza, Trad., Vol. 6, pp. 13-142). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905)
- KLEIN, M. (1996a). *O desenvolvimento de uma criança*. In M. Klein, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945. Obras completas (Vol. 1, pp. 22-75). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1921)
- KLEIN, M. (1996b). *Estágios iniciais do conflito edipiano*. In M. Klein, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945. Obras completas (Vol. 1, pp. 214-227). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1928)
- KLEIN, M. (1996c). *A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego*. In M. Klein, Obras completas (Vol. 1, pp. 249-264). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1959)
- KLEIN, M. (1996d). *O papel da escola no desenvolvimento libidinal da criança*. In M. KLEIN, Amor, culpa e reparação e outros trabalhos: 1921-1945. Obras completas (Vol. 1, pp. 81-99). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1923)
- MÉLEGA, M. P. *Aplicações dos conceitos psicanalíticos ao trabalho em contextos não clínicos*. Publicações Científicas CEPESI-MBF, São Paulo, v. 3, 1992.